



ORÁCULO
ME SEDUZ
AO VÁCUO

ANTONIO NOGUEIRA

Copyright © 2020, Mundo Contemporâneo

Editor

Marcio Sales Saraiva

Coordenação Editorial

Léa Carvalho

Capa

Design: MaLu Santos | Ilustração: @istockphoto

Projeto gráfico

MaLu Santos

Revisão

Letícia Villela

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

N778o Nogueira, Antonio

O Oráculo me seduz ao vácuo / Antonio Nogueira. 1ed. -
Rio de Janeiro, RJ : Mundo Contemporâneo, 2020.

42p. ; 18 cm.

ISBN: 978-65-86290-01-1

1. Poesia brasileira. I. Título

2020-62

CDD: 869.1

CDU: 82-1(81)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Editora poderá ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados.



Um selo da Metanoia Editora

Rua Santiago, 319/102 - Penha | Rio de Janeiro - RJ - Cep: 21020-400
faleconosco@metanoiaeditora.com | 21 3851-5845 | 📞 21 96478-5384

Associada:

Liga Brasileira de Editoras - www.libre.org.br
Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) - www.snel.org.br

Impresso no Brasil

AGRADECIMENTOS

Aos familiares, irmãos de vida, ao meu cachorro e a inúmeras doses de raios e bombas atômicas que pude transformar em poesia. Precisamos de um pouco de arte em momentos sombrios. Nos ronda a desgraça do fascismo, e necessitamos estar embriagados de alguma coisa. Como esses caras odeiam a arte, essa obra é uma espécie de birra a toda filha da putagem que nos persegue. Talvez seja essa razão do lançamento ter sido tão adiado, nada é por acaso. Agradeço a paciência de todos que acreditaram que um dia vomitaria tudo isso que tá aqui.

*“Acho que a gente devia encher a cara hoje, depois a gente
fala mal dos inúteis que se acham superimportantes”.*

Charles Bukowski

“Tanto faz o amor: virar poeira
na beira do abismo (...)”

I

Pode-se dizer que a arte também nasce de um incômodo. O poeta é, de fato, um incomodado, e isso fica muito claro a quem trava contato com a poesia de Antonio Nogueira. Ali o amor tem algo de inadequado, e amar – essa preocupação – é estar emaranhado num território insondável porque inóspito. É um *tour de force* ler esse corpo poético porque ele angustia o leitor, e se angustia é porque a gente se depara com o que não queremos encarar em nós mesmos. Não existe um romantismo mar de rosas como querem nos fazer acreditar. Para o poeta Antonio, a musa (essa figura hoje já desconstruída, mas que peço licença para usá-la porque servirá a esse contexto) é um lugar para se habitar em angústia, pois os poemas deste oráculo sedutor não abrem concessões. Põem por terra a afirmação datada (e hoje rasteira) de que arte é a reprodução do belo, e Antonio Nogueira, velho boêmio, sabe e não quer ter a ver com isso: sua poesia fala de solidão, de descontentamento, de impossibilidade. Há algo aqui que não se resolve, é “o grito clandestino de haver alma”, dito por Fernando Pessoa.

Isso fica claro no seu poema “Dia dos Namorados”, data que pra muitas pessoas é a

celebração do esvaziamento capitalista do afeto (ainda que seja celebração), pra Antonio Nogueira esse momento adensa algo que é mais profundo e, portanto mais doloroso, como é qualquer exercício de reflexão e automergulho: só é possível amar de longe.

8| Antonio Nogueira é um romântico. Desses que não se atualiza. Boina e barba, charuto na mão, revoltado com a política, e sentado num boteco da lapa – nostálgico ainda jovem – falando dos vestígios do amor. Há romantismo em Antonio quando ele menciona satã como paradigma de subversão romântica e como experiência de liberdade e, mesmo assim, em algum momento ele se trai, pois que o amor tem disso, de fazer traírmos a nós mesmos, e esse instante está no poema apaixonado batizado de “Ana paulista”. Um poema apaziguado, talvez o único do livro inteiro: Ana foi/ é um momento de abraçar a paz.

II

Há em Antonio Nogueira ecos do grande Augusto dos Anjos. Na escolha dos termos: patológicos (câncer, apodrecido, morte, veneno); corporais (músculos, simbiose, carne, ossos). Existe Augusto em Antonio quando este diz “mesclado no chão com catarro”, e aquele já havia dito “escarra nessa boca que te beija”. Vejo muito Augusto em Antonio.

“Mas eu não estou/ Interessado em nenhuma teoria (...). E meu delírio/ É a experiência/ Com coisas

reais” cantou o mestre Belchior (o qual Antonio me confessou ser grande fã) e, portanto, quando o Antonio Nogueira diz “nada aprendi com o real”, parece ser uma contradição (o que não seria problema algum, é claro), pois os versos de Antonio são escritos, e parecem interessados, no que é carne e concreto. Mas logo depois o quadro se fecha e vemos que não é bem assim, e o poeta conclui que não se “(...) desprendes do/ Que mais odeia, do real (...)”, esse, de acordo com suas próprias palavras “desgosto”. Esses versos, afinal, dizem muito o livro. O real, para o poeta, é um desgosto do qual não há desprendimento: por isso o amar de longe, por isso todas as impossibilidades, por isso a Vilma de olhos cansados, a Ana paulista, a Jamila de boina, são pedaços doloridos que compõem um quadro de não realizações.

19

III

Os versos de Antonio Nogueira são melancólicos, densos, noturnos. Versos de boteco sob a luz moribunda. Versos de uísque e cigarro. Mulheres de sonho, de passagem por terras estrangeiras. Os versos de um grande poeta, jovem, porém velho, seduzido pelo vácuo, o elemento que pros sistemas de pensamento orientais, é a reunião de todos os outros.

kavita kavita

“ÁCIDA”

A miserável me persegue de novo, intragável como sempre;
Permanece.

Faz um círculo no meu eu, um círculo de fogo para ver meus limites, incalculáveis, incuráveis pela ira que me permite possuir, insustentavelmente pela minha fonte volumosa.

Sim, faz o volume que tanto anseia pelo nítido motivo que me rodeia.

Um segundo para o podre mundo surdo não escutar os desejos da alma que rasteja pelo corpo cauteloso, pelo elo que se faz, e se desfaz, uma espécie de caráter mascarado; apresenta-se como enforcado em seu “cartão”.

Aprendi lendo seus cartazes por todos os lados feitos tatuagens, sagradas imagens gravadas no delirante mundo literário de nossos cérebros, faz eco nos ouvidos dos incultos; nosso culto de prazer. É fácil surpreender os que nada entendem os que nadam num aquário diante de um rio despoluído.

É isso que queria? O surrealismo manipulando o pessimismo?

A luz passeia pelo quarto escuro, baila como minha viciada bailarina banhada a heroína questão de tempo amadurecermos no mundo em que criamos, onde

caminhamos solitários, efêmeros de nos mesmos. Carrascos de máscaras coloridas, nosso requinte de crueldade a ninar em nossa serotonina... Que já não teme o vapor da dor em nossos corpos, mente, carne, alma, ossos, nossos jogos tão poderosos; quanto a profundidade de nossos poços.



Este livro foi composto:
em papel alta alvura 75g
verão de 2020

Mil raios rasgando o céu do cérebro, mil bombas atômicas explodindo em seus pensamentos a cada milésimo de segundo, essa pessoa não tem outra escolha exceto a arte. Nesse caso, a escrita tornou-se o refúgio do historiador, poeta e observador do mundo Antonio Nogueira um divã de pregos, o qual suscita algumas sessões de reencontro consigo e suas palavras, no calor do inverno da solidão da escrita.

A presente obra traz à tona, as primeiras poesias do poeta de forma reconhecidamente tardia, consideram-se aqui, escritos de quinze, vinte anos atrás. O contato com o presente virá em outros volumes, enquanto isso, a "leveza" dos primeiros versos abrem alas e asas para o público como apenas um raio do céu ou do inferno e uma única bomba atômica, não se sabe de onde ou pra onde. Vai ser uma rapidinha bem gostosa.

